
A IDENTIDADE DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES

Sheila da Silva Monte (UFRN)¹

RESUMO

Este trabalho traz uma discussão acerca da questão do sujeito na pós-modernidade, em que refletimos sobre os estados de tensão e de conflitos do indivíduo em meio à modernidade líquida. Inicialmente, achamos interessante lembrar, em um breve resumo, como a questão da identidade era vivenciada há mais ou menos dois séculos. Posteriormente, discutiremos as mudanças ocorridas na sociedade e o conseqüente problema da identidade no novo mundo globalizado.

Palavras-chave: Identidade. Globalização. Pós-modernidade.

ABSTRACT

This paper presents a discussion on the question of the subject in post modernity, in which we reflect on the state of tension and conflicts of the individual through the liquid modernity. Initially, we thought interesting to recall, in a brief summary, as the question of identity was experienced for about two centuries. Later, we discuss the changes in society and the consequent problem of identity in the new globalized world.

Keywords: Identity. Globalization. Postmodernity.

[...] a 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 22)

Há algum tempo, havia uma preocupação em relacionar a questão da identidade à nacionalidade do indivíduo. Era importante impor um laço de pertencimento ao território onde o sujeito se encontrava. Para este não havia necessidade, pois sabia que pertencia àquele lugar, ali estavam suas origens e suas relações sociais que eram concentradas no domínio da proximidade. Não havia dúvidas quanto à veracidade de sua nacionalidade.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL, com linha de pesquisa em Linguagem e Práticas Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: sheilamontebr@gmail.com

Mas, com o nascimento do Estado moderno, surgem mudanças e o indivíduo, que antes mantinha uma relação de proximidade, começa a ser deslocado daquele lugar ao qual pertencia. Um bom exemplo das transformações ocorridas está na revolução dos transportes, que propiciaram uma rápida expansão dos territórios. Dessa forma, com o desenvolvimento das regiões e a consequente legitimação da nação, o problema da identidade seria visto de forma positiva e as pessoas assim admitiriam sua nacionalidade/identidade.

De acordo com Bauman (2005, p. 26):

[...] o nascente Estado moderno fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania nacional. Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade [...]

Nesse sentido, podemos observar que, desde o início, a identidade nacional foi vista como um marco da soberania do Estado. Por muitas vezes, para se mantê-la, mesmo que incompleta, fazia-se um esforço gigantesco e usava-se uma pequena dose de força para que a nacionalidade fosse protegida. Vale salientar que as identidades consideradas “menores” só seriam aceitas se não violassem a lealdade nacional, pois o Estado detinha o poder e nada poderia estremecê-lo.

Atualmente, podemos perceber que muitas foram as mudanças ocorridas. As preocupações contemporâneas transcenderam a simples (se podemos assim dizer) questão da identidade nacional. Na sociedade pós-moderna, temos assistido a uma profusão de transformações, principalmente no campo das relações interpessoais, fazendo com que haja mudanças no comportamento dos sujeitos.

Segundo Bauman (2005), a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso. As “novas” relações começam a interferir em nossas construções cotidianas, nossas práticas

sociais, como forma de entendimento do mundo. Com isso, as identidades, antes consideradas seguras e estáveis, começam a fragmentar-se.

Tudo o que somos e pensamos advém de nosso contato com o mundo. Nesse sentido, um “eu” verdadeiro, um sujeito singular não é possível no contexto da pós-modernidade, pois seria determinado por uma série de situações, seria um simulacro de um sujeito real. Hall (2005) aponta que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram a vida social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. Não há mais uma identidade una, centralizada, mas um sujeito plural, heterogêneo.

Dessa forma, ao refletirmos sobre a questão do sujeito na era da globalização, vislumbramos carências, dúvidas e urgências, presentes nesse indivíduo, perdido em suas inseguranças, com a necessidade emergencial de pertencer a algum lugar. Será esse um colapso do sujeito moderno? Uma crise de identidade? Como observa Mercer (1990, p. 43), “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Em nossa sociedade o problema da identidade tem se intensificado de forma intrigante. Vivemos em um mundo repleto de alternativas que inibem ou omitem nossas fraquezas com relação ao outro. Um dos veículos que contribuiu para essa questão foi a televisão, uma vez que, com o advento desta, a ocorrência do intrigante jogo da identidade só aumentou.

Desde que a TV surgiu, foi sendo incorporada ao convívio familiar de forma crescente. Com as propagandas, as novelas (quase um retrato da vida real) e, atualmente, com os *reality shows* (que mais escondem que mostram), ela nos expõe identidades estereotipadas, rotuladas pela sociedade capitalista. Jogos desleais, os quais somos compulsoriamente convidados a aceitar e que desencadeiam tensões que podem modificar (e muito) positiva ou negativamente, as nossas identidades.

Um outro bom exemplo, que hoje se apresenta em quase todos os lugares, é a rede mundial de computadores, a internet, que nos envereda por uma “teia” de relações virtuais as quais nos deixamos capturar sem saber, na verdade, o que realmente significam pra nós. Ao participar de tais redes utilizamos nossos artifícios, novas identidades que mascaram uma realidade precária, por vezes dolorida, própria da modernidade líquida (BAUMAN, 2005).

Nesse sentido, não podemos negar que é inevitável, para muitos, não fazer parte da “rede”. Uma parte de nós e/ou do outro são buscadas nessas relações, consideradas fugazes por natureza. Relações não concretas o bastante da mesma natureza do real, do face a face, como eram as relações de proximidade de antigamente. Como afirma Bauman (2005, p. 100),

Hoje em dia, nada nos faz falar de modo mais solene ou prazeroso do que as “redes” de “conexão” ou “relacionamentos”, só porque a “coisa concreta” — as redes firmemente entretecidas, as conexões firmes e seguras, os relacionamentos plenamente maduros — praticamente caiu por terra.

Em consequência disso, podemos perceber que as relações amorosas são colocadas em xeque por serem consideradas produto descartável da pós-modernidade. O indivíduo, ao mesmo tempo em que se relaciona, não mantém o compromisso, uma vez que prefere distanciar-se do outro ou simplesmente manter as portas abertas para algo maior do que aquela relação. A partir de tal ponto começamos a observar que, para esse sujeito, não é interessante ficar a mercê do outro.

Frente à globalização, o sujeito pós-moderno apresenta-se de formas diferentes, fragmentando-se a cada jogo estipulado. A sociedade não é um todo unificado, seguro e bem delimitado como muitos, há tempos, podiam pensar. Há oscilações, mudanças de posturas, de posicionamentos, frente às novas realidades. Os jogos identitários acontecem a todo tempo e a todo momento, portanto, ninguém está a salvo deles.

Segundo Woodward (2000), a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, o que pode gerar conflitos. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra.

Muitos conflitos surgem das tensões a partir das normas que regem uma sociedade. Vivemos, por exemplo, numa matriz heterossexual em que, no mundo social, os gêneros devem desejar o sexo oposto. Sabemos que nem sempre isso acontece e que, se o indivíduo não segue a norma, é considerado um estranho.

Imaginemos uma situação em que tenhamos um sujeito negro, assalariado, homossexual e que possua dois filhos adotivos. Nesse sentido, a sociedade, pelo menos uma grande parte dela, espera que o pai seja heterossexual, afinal isso está culturalmente marcado. É um indivíduo que trabalha, paga suas contas em dia e tem dois filhos os quais presta toda a sua assistência, enquanto chefe de família: reuniões de escola; repreensões, quando necessárias; amorosidade etc.

Por meio do exemplo citado, percebemos quantas identidades são construídas e negociadas a todo instante pelo sujeito, embora a tensão esteja, com maior probabilidade, na questão da identidade sexual, pois o indivíduo é constrangido pela matriz heteronormativa. De acordo com Laclau (1990) as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito”.

Por ser o “papo do momento”, a identidade não é mais objeto de meditação filosófica, e nem seus fundadores poderiam dar um significado a questão identitária que abarcasse a modernidade líquida, segundo Bauman (2005, p. 35), “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando seus próprios recursos e ferramentas”.

Na era da modernidade líquida, pensar em um sujeito inflexível é ser malvisto pelos outros, uma vez que, para muitos, já se solidificou a ideia de identidades heterogêneas

e que cada sujeito sabe dos riscos que pode sofrer por estar dentro do jogo identitário. Podemos reconhecer que, em todo lugar e de diferentes formas, novas identidades surgem ou se incorporam as já existentes, transformando mais e mais o sujeito pós-moderno.

Retomando a citação que inicia este texto, começamos a compreender o que Bauman (2005) nos descreve sobre a questão da identidade. Podemos observar que o sujeito está cercado de situações sociais, necessidades, que não o deixam livre. Com isso, não há uma mera transformação desse indivíduo, mas um esforço contínuo, que leva a um objetivo, algo a ser (re)inventado e que, precariamente, precisa ser mascarado.

Somos confrontados diariamente por uma multiplicidade de identidades possíveis, tendo em vista que os novos modos de vida propostos pela modernidade rompem com o passado estável das identidades, substituindo essa estabilidade por uma pluralidade de centros de poder, que são orientados conforme a necessidade do sujeito na sociedade. Com isso, percebemos que a afirmação de Bauman (2005) revela, mas, ao mesmo tempo, não fecha a discussão sobre essa questão tão intrigante das identidades surgidas na era da globalização, a partir do qual os estudos ainda estão longe de elucidar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LACLAU, E. **New Reflections on the Revolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

MERCER, K. *Welcome to the jungle*. In Rutherford, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido: 26/06/2012

Aprovado: 05/10/2012